

TERAPIA DO RISO COM IDOSOS NO CENÁRIO HOSPITALAR: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Ana Luísa Fernandes Vieira Melo (1); Iaponira Cortez Costa de Oliveira (2)

Universidade Federal da Paraíba, luisa.vieira.fm@gmail.com

Resumo:

A hospitalização para o idoso pode ser uma experiência traumática, uma vez que a sociedade brasileira impõe uma cultura onde o idoso é visto como uma sombra que não consegue agir normalmente, por possuir limitações que o impedem de trabalhar, divertir-se e até mesmo de relacionar-se. Trata-se de um relato de experiência com idosos no âmbito hospitalar a partir de intervenções lúdicas com risos e bom humor, realizadas através do Projeto de Pesquisa e Extensão Tiquinho de Alegria, em 2018. O Projeto de Pesquisa e Extensão Tiquinho de Alegria tem como proposta realizar intervenções no Hospital Universitário Lauro Wanderley (HULW) com ações de palhaçoterapia permeada de ferramentas lúdicas como a terapia do riso, arte e bom humor que, aliadas ao tratamento convencional proporcionam alegria e bem-estar aos idosos. As ações foram realizadas por alunos da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), os quais, caracterizados de palhaços, entravam em cena no ambiente hospitalar trazendo consigo alegria, sorrisos e principalmente empatia pelo próximo. A terapia do riso foi considerada de grande relevância para os idosos, acompanhantes e também os profissionais que se divertiram e encontraram um sentido para sorrir, aliviando todo o estresse imposto pelo tratamento e rotina do hospital. A figura do palhaço no universo hospitalar mostrou que é possível articular o cuidar com a alegria minimizando o efeito negativo do binômio hospital-doença. Além disso, foi uma experiência ímpar, enriquecedora e reflexiva para a futura vida profissional da discente.

Palavras-chave: Terapia do Riso, Humanização da Assistência, Hospital.

Introdução

O hospital é considerado um ambiente paradoxal, pois, ao mesmo tempo em que é visto como um local de cura, também remete a dor e sofrimento. A internação é uma experiência que destitui os usuários de seus papéis sociais, além de colocá-los em uma posição de dependência limitada em relação ao espaço e à rotina (TAKAHAGUI et al., 2014). Quando se trata de idosos essa experiência pode ser traumática, uma vez que a sociedade brasileira impõe uma cultura onde o idoso é visto como uma sombra que não consegue agir normalmente, por possuir limitações que o impedem de trabalhar, divertir-se e até mesmo de relacionar-se. A capacidade de empoderamento é reduzida.

Segundo Sanguino, Previato e Silva (2018), a população idosa está alcançando uma larga escala no Brasil devido a diminuição da taxa de natalidade e mortalidade, além da oferta de cuidado integralizado e implantação de melhores condições de vida ofertadas para a

população, compreendida dentro da faixa etária de 60 anos acima, justamente como uma forma de diminuir problemas fisiológicos e físicos ocasionados pela idade avançada do indivíduo. Entretanto, é comum que a pessoa idosa, em virtude do processo de envelhecimento, seja mais vulnerável ao aparecimento de comorbidades, geralmente crônicas, ocasionando, por sua vez o aumento nos gastos em saúde.

Neste aspecto, a hospitalização representa, para muitos idosos, um momento de fragilidade e de medo, pois além do sofrimento e sensação desagradável, e da insegurança que a doença ocasiona, esse paciente irá necessitar da atenção de um conjunto de trabalhadores da saúde para intervir neste processo. A equipe de saúde, ao atender o idoso, deve estar atenta a uma série de alterações físicas, psicológicas e sociais que ocorrem nesses pacientes, e que justificam um cuidado diferenciado (MARTINS et al., 2008).

Desta forma, é de extrema importância que os profissionais busquem realizar um cuidar humanizado visualizando a percepção holística do idoso. Uma das opções de uma assistência humanizada é agregar o riso como uma terapia estimulando as pessoas a rirem de forma contagiante, pois o riso influencia positivamente no organismo melhorando o humor, libertando o indivíduo das tensões. Na verdade, pessoas bem humoradas são mais acessíveis aos tratamentos facilitando a melhora de males físicos e emocionais.

Diversas ações de humanização da assistência hospitalar têm sido adotadas mundialmente para humanizar o atendimento e melhorar as relações entre profissionais da saúde e pacientes, bem como dos acompanhantes. Essas ações buscam resgatar valores como solidariedade, colaboração, afetividade nas relações, respeito à diversidade, valorização das queixas, cuidado com o outro, em contraponto a lógica atual que privilegia o lucro, as formas de exclusão, o mercado, a competitividade entre outros valores “desumanizantes” (OLIVEIRA, 2016).

Em face da realidade do cenário hospitalar, é inegável que a humanização é uma importante ferramenta em resposta a hostilização deste ambiente, principalmente diante da tendência ao isolamento que acomete os pacientes idosos. Uma das modalidades de humanização hospitalar mais difundida mundialmente é a chamada “Terapia Clown”, consagrada popularmente pelo trabalho da Organização Não Governamental - ONG “Doutores da Alegria”.

Baseado nessa terapia, o Projeto de Pesquisa e Extensão Tiquinho de Alegria realiza intervenções no Hospital Universitário Lauro Wanderley (HULW), no município de João Pessoa – PB, com ações de palhaçoterapia permeada de ferramentas lúdicas como piadas,

imitações e brincadeiras, marcados pela terapia do riso, arte e bom humor que, aliadas ao tratamento convencional proporcionam alegria e bem-estar aos idosos.

As ações são realizadas por alunos da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), os quais, caracterizados de palhaços, entram em cena no ambiente hospitalar trazendo consigo alegria, sorrisos e principalmente empatia pelo próximo. A terapia do riso é de grande relevância para os idosos, acompanhantes e também os profissionais que se divertem e encontram um sentido para sorrir, aliviando todo o estresse imposto pela rotina e tratamento do hospital, justificando essa importante ação.

A Palhaçoterapia, ou Terapia do Riso representa um conjunto de técnicas circenses executadas por palhaços especificamente treinados para atuar dentro do ambiente hospitalar de forma complementar ao tratamento (DIONIGI et al., 2012) proposto pelo modelo biomédico. Para Catapan (2017) seu foco é o riso buscando suprir as necessidades subjetivas, em sua maioria não expressas nas queixas ou prontuários médicos, as quais direcionam a dinâmica das interações realizadas pelos palhaços. Esse tipo de atividade acarreta consequências extremamente válidas para a progressão do quadro de pacientes de diversas faixas etárias, desde crianças até idosos. Estes por sua vez, enquadram-se em situações um pouco mais difíceis de lidar, visto que possuem debilidades que necessitam de uma maior atenção.

Diante do exposto, este estudo tem como objetivo apresentar um relato de experiência envolvendo a terapia do riso com idosos hospitalizados no cenário hospitalar.

Metodologia

Tratou-se de um relato de experiência com idosos internados na Clínica Médica do Hospital Universitário Lauro Wanderley, de uma discente de enfermagem, integrante do Projeto Tiquinho de Alegria, no período de agosto de 2018, desenvolvido no Hospital Universitário Lauro Wanderley (HULW), Campus I da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). A terapia do riso desenvolvida no ambiente hospitalar, da maneira proposta pelo Projeto, é uma grande aliada ao tratamento biomédico convencional, visto que a arte e o bom humor dos palhaços, proporcionam alegria, sorrisos, e empatia pelo próximo, seja ele o paciente ou não, alcançando assim o objetivo de proporcionar aos pacientes idosos um ambiente que auxilie no processo de recuperação, de modo a tornar a assistência mais acolhedora e humanizada.

Nas intervenções com idosos vivenciou-se experiências enriquecedoras. Uma delas foi a de uma senhora que possuía deficiência motora e um grau moderado de demência já diagnosticado, que estava com sua acompanhante. Como ela não conseguia falar, foi preciso que utilizássemos de libras para nos comunicarmos com ela, uma vez que eu e outro extensionista, já havíamos cursado essa disciplina em nossos respectivos cursos. Iniciamos a intervenção conversando com ela, falando alto e claro; ela, por sua vez respondia através de gestos. Conseguimos fazê-la sorrir bastante, tanto com elogios do tipo “*você é muito inteligente*”, “*você é muito bonita*”, além de apresentar danças de balé ao som do toque do celular de uma paciente que também estava nesse quarto, tudo acontecendo na improvisação. Verificou-se que ela desfrutou de sentimentos de alegria, apresentando-se cooperativa e interagindo com a palhaça vislumbrada com as cores das roupas, a maquiagem e o nariz de palhaço.

Essa experiência foi valiosa chamando-nos à atenção, pois nunca havíamos nos deparado com uma situação semelhante, presenciando a interligação explícita do conteúdo aprendido na academia com a intervenção. Indubitavelmente a idosa ficou mais alegre, bem humorada, agradecida e colaborativa com o tratamento, transmitindo esse estado de bom humor à sua acompanhante.

Somado a isso, a palhaçoterapia visa fazer a ponte que une o cuidar eficiente a um cuidar mais humano, abarcando uma definição ampliada da saúde, que considera o ser humano como um todo em suas multiplicidades, para além do corpo físico. A centralidade deixa de ser a doença, o doente ou seus sintomas físicos e passa a ser a pessoa, sua nova realidade institucionalizada e os sentimentos consequentes dessas alterações (CATAPAN, 2017), exemplificando, basicamente, o intuito da profissão do enfermeiro.

Outro fator importante, diz respeito à questão do período de permanência no hospital, onde o mesmo insere-se em uma realidade diferente daquela que estava habituado, visto que o ambiente domiciliar proporciona um maior conforto para a recuperação do paciente, seja ela física ou mental. Sendo assim, a palhaçoterapia visa intervenções terapêuticas, repletas de cores, através das pinturas do rosto e das roupas e materiais que reproduzam barulho, para alegrar o ambiente marcado por situações patológicas que geram desconforto.

Em outro momento, fizemos um planejamento prévio dos figurinos a serem escolhidos para o dia da visita aos idosos. Cada integrante se fantasiou com roupas coloridas e engraçadas, visando alegrar os pacientes que se encontravam nas enfermarias. Na chegada, já

fomos bastante elogiados pelos pacientes e acompanhantes em relação às nossas roupas por serem chamativas e diferentes. Logo em seguida, os acompanhantes propuseram um desfile para eleger a melhor fantasia e, enquanto desfilávamos para eles, risadas eram entoadas por aqueles que estavam no local, proporcionando para nós (integrantes e acompanhantes) uma sensação de dever cumprido, onde a tristeza e o desânimo deram lugar à alegria e ao divertimento. Todos interagiram de forma espontânea onde a monotonia do hospital deu lugar à graça e a alegria. Foi lindo quando eles nos elogiaram e pediram para retornar mais vezes. Esses gestos nos incentivam a distribuir muitos sorrisos.

Tendo em vista uma melhor abordagem para o tratamento dos idosos enquanto encontra-se no âmbito hospitalar, o projeto de Pesquisa e Extensão Tiquinho de Alegria, da Universidade Federal da Paraíba, busca a utilização de técnicas recreativas para auxiliar na progressão do quadro dos pacientes, como por exemplo a musicoterapia e brincadeiras recreativas, que não exijam esforço excessivo do paciente para, juntamente com o envolvimento dos profissionais, seja possível promover um momento de descontração na realidade hospitalar, envolvendo também os demais atores.

Evidentemente, os discentes de saúde que se tornam palhaços passam por uma experiência crítica e reflexiva, entendendo o ser humano de forma mais ampla, menos tecnicista e mais afetiva, buscando, futuramente, ser um profissional comprometido com o cuidado integral, a humanização de seu atendimento e com o respeito ao colega (DIAS CRUZ, 2016).

Neste sentido, acredita-se que diante da diversidade de pessoas na qual nos deparamos diariamente, a palhaçoterapia nos ensina como lidar com esse tipo de questão da melhor forma, sem que o paciente seja afetado pela situação. Dessa forma, para Catapan (2017), a eficácia dos procedimentos não pode ser massificada e a singularidade de cada caso não deve ser esquecida pelos profissionais de saúde.

O Ministério da Saúde implantou o Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar (PNHAH), objetivando buscar iniciativas capazes de melhorar o contato humano entre profissional de saúde e usuário, entre os próprios profissionais e entre o hospital e a comunidade, de modo a garantir o bom funcionamento do Sistema Único de Saúde (SUS). Sendo assim, a humanização tornou-se uma preocupação dos profissionais e usuários no atendimento hospitalar, especialmente em relação aos idosos.

A humanização não é uma técnica que tem que ser aprendida e dominada pelos profissionais que compõem a equipe de saúde, mas um ato que deve partir de qualquer pessoa, no intuito de melhorar a qualidade de vida, se relacionar e oferecer apoio para indivíduos que

estão passando por casos que envolvam o processo saúde-doença. Para o profissional, garantir uma assistência humanizada, vai além de observar o indivíduo através de uma patologia, mas de prestar um atendimento, sabendo que aquele indivíduo é um ser também emocional, que está inserido em uma sociedade, que tem desejos e anseios.

Certa vez, nos encontrávamos em uma intervenção no Departamento de Doenças Infecto Parasitárias – DIP, em uma enfermaria onde estavam pelo menos 3 idosos. Como o ambiente não possuía nenhum tipo de aparelho que pudesse distrair os pacientes, eles passavam a maior parte do tempo dormindo ou conversando pouco entre eles e com os acompanhantes. Com a nossa chegada, eles começaram a interagir e através das atividades que fazíamos das nossas piadas, aos poucos foram gargalhando e participando cada vez mais. Os acompanhantes também se divertiram bastante, e chegaram a relatar a importância do riso e o efeito benéfico que os palhaços trouxeram para aqueles idosos. Uma senhora que acompanhava o esposo, chegou a dizer “Olha, ele tava tão quietinho antes de vocês chegarem. Tava aperreado com o trabalho da roça que ele deixou. Agora com vocês, ele tá todo feliz! Não para de rir!”. Isso foi bastante gratificante para todos os extensionistas presentes.

É possível observar também que a terapia do riso envolvem os acompanhantes, que não é responsável pelo cuidado ao idoso hospitalizado, mas que colaboram apontando limites e facilidades da interação e cooperação do idoso, auxiliando na sintonia da relação entre equipe e paciente, participando nos procedimentos e no quadro de melhora no estado emocional do idoso (SANGUINO, PREVIATO, SILVA, 2018).

Considerando a utilização frequente dos serviços de saúde, é preciso destacar que a idade é um indicador que determina a assistência. No âmbito hospitalar, por sua vez, existem critérios etários que normatizam seu atendimento à pessoa idosa, haja vista a identificação de que suas reais necessidades de atenção recai às características peculiares da sua fase de senescência para além de sua condição de agravo que exigiu a hospitalização. Isso exige a quebra de paradigmas e a proposição de formas de atendimento diferenciadas e integrais, de modo que os profissionais da enfermagem devem estar atentos às expectativas dos idosos, à complexidade e magnitude dessa etapa vital para concretizarem a essência do cuidado (SANGUINO; PREVIATO; SILVA, 2018).

Para tanto, a equipe de saúde possui o importante papel de, além de garantir o equilíbrio das funções orgânicas e emocionais do paciente, auxiliar o mesmo no enfrentamento e aceitação da hospitalização estabelecendo uma relação de confiança e compromisso para que haja uma assistência humanizada e um comprometimento com o

cuidado personalizado, contribuindo positivamente para a adaptação do idoso à hospitalização (MARTINS et al., 2008).

Portanto, sendo a humanização uma meta a ser alcançada no cenário hospitalar, as intervenções dos palhaços podem ser vistas como facilitadoras e promotoras diretas destas, já que transformam situações, trazem conforto e empoderamento, permitindo a comunicação e expressão criando possibilidade de organizar percepções, sentimentos e sensações, abrindo a possibilidade para um olhar sobre uma nova perspectiva, ampliando a percepção da realidade habitualmente construída (CATAPAN, 2017).

Evidentemente, a humanização não é uma técnica que deve ser aprendida, mas uma característica fundamental para qualquer assistência profissional, é fazer boas ações, demonstrar ternura e respeito, sentir o outro; é ver o outro como um ser humano, um ser total: corpo, mente, emoção e espírito. Vale ressaltar que a humanização não deve ser vista apenas como as condições adequadas fornecidas pelos serviços de saúde para prestar assistência, mas como articuladora entre assistência, tecnologias e relações humanas entre usuários e profissionais (MARTINS et al., 2008).

A palhaçoterapia/terapia do riso, por sua vez, contribui para que as estratégias propostas pelo Ministério da Saúde, sejam postas em prática, tanto pelo profissional em atuação, como pelo futuro profissional, que é o discente, de modo a assistir o indivíduo de uma maneira holística, reconhecendo e valorizando os aspectos subjetivos, históricos e socioculturais dos atores sociais envolvidos nas práticas de saúde, melhorando assim, as condições do trabalho e qualidade da assistência (MARTINS et al., 2008)

Conclusão

De acordo com o objetivo proposto considera-se que o estudo possibilitou compreender que a terapia do riso ofereceu um suporte emocional que ajuda o idoso a enfrentar situações difíceis e estressantes, influenciando no bem-estar e na qualidade de vida. Através do relato da experiência contactou-se que a terapia do riso, a partir das ações dos palhaços, possibilitou ao idoso deixar de ser uma sombra, encontrando sentido para viver, tornando-se motivado para enfrentar os desafios da velhice especialmente diante das adversidades do cenário hospitalar.

Sendo assim, diante do que foi abordado, verificou-se que a palhaçoterapia é de extrema importância, sobretudo para a superação de situações problemáticas para o idoso.

Além disso, a abordagem terapêutica da Terapia do Riso na prática assistencial atuou como uma terapia alternativa ao tratamento biomédico proporcionando inúmeros benefícios à saúde mental de idosos no âmbito hospitalar.

Por fim, concluiu-se que o objetivo foi alcançado, pois lidar com essa experiência remeteu à importância da palhaçoterapia/terapia do riso como um importante mecanismo na articulação de uma assistência humanizada, possibilitando um suporte no acolhimento e mansuetude no momento de vulnerabilidade promovendo a ressignificação do cuidado humanizado. A figura do palhaço no universo hospitalar mostrou que é possível articular o cuidar com a alegria minimizando o efeito negativo do binômio hospital-doença. Além disso, foi uma experiência ímpar, enriquecedora e reflexiva para a nossa vida profissional.

Considera-se, ainda que, embora seja uma temática relevante ainda há escassez de pesquisas sobre a temática necessitando, portanto, de maior produção e divulgação na comunidade científica.

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Envelhecimento e saúde da pessoa idosa** / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – Brasília : Ministério da Saúde, 2007. 192 p.: il. – (Série A. Normas e Manuais Técnicos) (Cadernos de Atenção Básica; n. 19). Disponível em:< <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/abcd19.pdf>>. Acesso em: 27 set. 2018

CATAPAN, S. C. **Significados das Práticas dos "Terapeutas da Alegria" Sobre Pacientes Adultos Internados Em Um Hospital Universitário**. Dissertação (Pós- Graduação em Saúde Coletiva) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, p. 115, 2017.

DIONIGI, A.; FLANGINI, R.; GREMIGNI, P. Clowns in hospitals. In: (Ed.). Humor and Health Promotion. **Nova Science Publishers**: New York, p. 213-227, 2012..

DIAS CRUZ, D. A inserção do palhaço no ambiente hospitalar: experiências de um projeto de Extensão, **Em Extensão**, v. 15, n. 1, p. 133-140, 2016.

MARTINS, J.J., SCHNEIDER, D.G., BUNN, K.R., et al. A percepção da equipe de saúde e do idoso hospitalizado em relação ao cuidado humanizado. **Arquivos Catarinenses de Medicina**, v. 37, n. 1, 2008. Disponível

em: <<http://www.acm.org.br/revista/pdf/artigos/532.pdf>>. Acesso em: 27 set. 2018

OLIVEIRA, W. F. O núcleo de humanização, arte e saúde: uma experiência coletiva de produção social de saúde. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**. v. 8, n. 18, p. 198-211, 2016.

SANGUINO, G.Z., PREVIATO, G.F., SILVA, A.F., et al. O trabalho de enfermagem no cuidado ao idoso hospitalizado: limites e particularidades. **Rev Fund Care Online**. 2018 jan./mar.; 10(1):160-166. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.2018.v10i1.160-166>>. Acesso em: 27 set. 2018

TAKAHAGUI, F. M. et al. MadAlegria: estudantes de medicina atuando como doutores-palhaços: estratégia útil para humanização do ensino médico? **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 1, p. 120-126, 2014. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbem/v38n1/16.pdf>>. Acesso em: 27 set. 2018.